

Trabajo docente en el formato remoto: contradicciones en el entorno doméstico durante la pandemia de covid-19

Enéas de Araújo Arrais Neto

eneas_arrais@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5919-4554>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil

Elenilce Gomes de Oliveira

elenilcebeatriz@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5056-3798>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil

Antonia de Abreu Sousa

antonia@ifce.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4970-4079>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil

Jerciano Pinheiro Feijó

jercianopinheiro@ifce.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

<https://orcid.org/0000-0002-7731-1283>

Fortaleza, Ceará, Brasil

Recebido: 31/03/2022 **Aceito:** 30/05/2022

Resumen

Discusión, desde la perspectiva cualitativa, puntos iniciales destacados con apoyo en el levantamiento que subsidió el desarrollo de la investigación acerca del teletrabajo, aislamiento social y salud mental de los servidores del IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - durante la Pandemia de COVID-19. El referido examen se realizó a través de reuniones en el formato de grupos de conversación o entrevista en línea que reunieron a docentes de seis *campi* del IFCE. Las exposiciones de los docentes mostraron el surgimiento de contradicciones entre los aspectos positivos y negativos derivados del teletrabajo, generalmente realizado desde el entorno doméstico. Por un lado, se evidencian situaciones de estrés, angustia, irritación y dificultades para el manejo de las tecnologías de las clases virtuales. De otra parte, se efectúa la comodidad de trabajar desde casa, la eliminación del gasto de tiempo en tráfico, la ausencia de otros costes, así como el sentimiento de nostalgia por la falta de convivencia con los amigos y compañeros en el ambiente laboral, entre otros aspectos que apuntan a la necesidad de un análisis en profundidad del marco que surgió de esta mensuración inicial. El referencial teórico del texto aporta aclaraciones sobre el carácter de la pandemia de COVID-19, incluyendo artículos que ya relatan investigaciones sobre el tema en otros lugares de Brasil y de otros países, añadiendo reflexiones sobre el papel ontológico desempeñado por la actividad laboral como constitutiva del ser humano.

Palabras clave: pandemia COVID-19, trabajo remoto, salud mental, antropología del trabajo.

Trabalho docente em formato remoto: contradições no ambiente doméstico durante a pandemia covid-19

Resumo

Debate, sob o prisma qualitativo, pontos iniciais evidenciados com suporte no levantamento que subsidiou o desenvolvimento da pesquisa sobre trabalho remoto, isolamento social e saúde mental dos servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, durante a pandemia COVID-19. Referido exame efetivou-se por meio de reuniões com o formato de grupos de conversa ou entrevistas *on-line*, que reuniram docentes de seis *campi* do IFCE. As exposições dos docentes evidenciaram a emergência de contradições entre aspectos positivos e negativos decorrentes do trabalho remoto, executado, geralmente, desde o ambiente doméstico. Por um lado, se fazem evidentes situações de estresse, angústia, irritação e dificuldades no manejo das tecnologias para aulas remotas. De outra parte, têm curso a comodidade de trabalhar de casa, a eliminação do tempo gasto em trânsito, a inexistência de custos outros, bem como o sentimento de nostalgia pela falta da convivialidade com amigos e colegas no ambiente de trabalho, entre outros aspectos que apontam para a necessidade de aprofundamento analítico do quadro que emergiu dessa mensuração inicial. O referencial teórico do texto situa esclarecimentos sobre o caráter da pandemia covid-19, passando por artigos que já relatam investigações sobre a matéria noutros lugares do Brasil e em outros países, aditando reflexões acerca do papel ontológico desempenhado pela atividade laboral como constitutiva do ser humano.

Palavras-chave: Pandemia covid-19. Trabalho Remoto. Psicopatologia do Trabalho. Antropologia do Trabalho. Relações Interpessoais.

Teaching work in remote format: contradictions in the domestic environment during the covid-19 pandemic

Abstract

The present work aims to debate, under a qualitative perspective, the initial points brought about in the data used for the development of the research concerning remote work, social isolation and their impact on the mental health of workers from the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará, during the Covid-19 pandemic. This examination was carried out through meetings in the form of conversation groups or online interviews, which brought together professors from six IFCE campuses. The professors' presentations showed the emergence of contradictions between positive and negative aspects resulting from remote work, usually performed from the home environment. On the one hand, situations of stress, anguish, irritation and difficulties in handling technologies for remote classes are evident. On the other hand, the convenience of working from home, the elimination of time spent in transit, the inexistence of other costs, as well as the feeling of nostalgia for the lack of conviviality with friends and colleagues in the work environment, among other aspects that point to the need for an in-depth analysis of the framework that emerged from this initial measurement. The theoretical framework of the text provides clarifications on the character of the covid-19 pandemic, including articles that already report investigations on the matter in other places in Brazil and in other countries, adding reflections on the ontological role played by labor activity as a constitutive element of the human being.

Keywords: COVID-19 pandemic, remote work, mental health, anthropology of work, interpersonal relations.

Introdução

É consabido – porém, não é ocioso repetir – o fato de que o mundo enfrenta, desde o início do ano de 2020, uma situação pandêmica. O vocábulo pandemia é atemorizante, estando associado, no imaginário de pessoas relativa e historicamente bem-informadas, a eventos anteriores de grande choque, como a peste negra que, na Idade Média, atingiu a China, a Índia e a Europa. Também sucedeu a gripe espanhola, envolvendo o globo inteiro, no primeiro quartel do século XX, e que levou dezenas de milhões de óbitos.

Designar uma doença como pandemia significa o reconhecimento internacional de que a expansão de uma epidemia já não respeita limites geográficos, tendo evoluído descontroladamente. Desta feita, a cobertura pandêmica, aparentemente iniciada na Ásia, foi nomeada de covid-19 (*Coronavirus disease 2019*), deflagrada por um vírus chamado novo coronavírus, surgido, decerto, na China, na Província de Wuhan (ZHU *et al.*, 2020). A múltipla epidemia logo se disseminou no restante da Ásia, pela Europa e, em seguida, para as Américas e África, à extensão do ano de 2020, caracterizando, então, uma pandemia. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

De acordo com dados da Universidade John Hopkins, dos Estados Unidos da América, em dezembro de 2021, havia no mundo mais de 268 milhões de casos confirmados de infecção por covid-19 e o mundo ultrapassava cinco milhões de óbitos. No Brasil, no mesmo período, havia mais de 22 milhões de casos confirmados e cerca de 616 mil mortos, sabendo-se que esses números são efetivamente subdimensionados pela falta de testagem dos infectados e por não haver acompanhamento e controle sobre mortes decorrentes de sequelas da covid, entre outros aspectos não registrados.

Esses dados devem, ainda, ser associados com graus consideráveis de subnotificação inicial dos óbitos (segundo fartamente divulgado pela mídia impressa e televisada), havendo estimativas de números sensivelmente maiores no que diz respeito ao contágio e quantitativos acima do oficial de óbitos. O quadro nacional da pandemia de covid-19 impressiona todo o mundo. A principal modalidade de transmissão é o contato com indivíduos infectados, através de gotículas respiratórias (KUSCHNAROFF *et al.*, 2015), e a maioria dos casos graves ocorre em idosos ou pessoas com comorbidades (YI *et al.*, 2020). As transmissões de casos graves evoluem para infecções sistêmicas, necessitando de terapia intensiva (KUSCHNAROFF *et al.*, 2015) e, esses quadros, isoladamente, ou associados a outros influxos sistêmicos, respondem pelo elevado número de mortes, atemorizando a população e os governos estaduais e municipais.

A atual pandemia de covid-19 causa considerável preocupação às autoridades

políticas e da área acadêmica em todo o mundo, impulsionando atitudes de combate à doença, na tentativa de conter a expansão pandêmica e de prevenção do contágio. Buscou-se, essencialmente, reduzir seu influxo, principalmente em termos de resguardar vidas. Enquanto se desenvolvem essas ações de controle, observou-se mundialmente um esforço gigantesco concentrado no desenvolvimento de vacinas que permitissem estabelecer modos de contenção mais eficazes. A produção de uma variedade de vacinas, desenvolvidas por grandes laboratórios científicos de Estados europeus, na China, nos Estados Unidos da América, e em outros países, levou à oferta comercial de imunizantes no mercado mundial, da qual passou a derivar sua produção em Território brasileiro com suporte em convênios com os laboratórios originais.

No Brasil, no Ceará, o histórico da pandemia e sua disseminação não foi diferente do restante do País, agravado pelo fato de que o maior aeroporto do Estado – o de Fortaleza, de caráter internacional – com o fluxo turístico agregado ao movimento de negócios, tornava o Estado um dos maiores *locis* brasileiros da pandemia. Assim sendo, o Governo estadual e as prefeituras dos maiores municípios cearenses tomaram imediatamente a atitude de suspender atividades que ensejassem aglomeração de pessoas em espaços públicos e privados, buscando evitar a expansão do contágio social pela covid-19. Grupos de estudo e grupamentos de assessoramento científico foram organizados e passaram a emitir sugestões com vistas a controlar as atividades consideradas principais fontes de aglomeração e possibilidade de contágio massivo.

Entre as atividades consideradas mais propensas à facilitação do contágio estavam as ações educacionais desenvolvidas em instituições do setor, nas quais o adensamento e as aglomeração de estudantes e demais trabalhadores da educação seriam havidas como “caldo de cultura” ideal para a expansão descontrolada da endemia universal. De tal modo, a suspensão de aulas presenciais em instituições de ensino fundamental, médio e superior, entre outras providências, foi uma decisão tomada em acordo pelas instâncias dirigentes do Estado e as autoridades municipais cearenses.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, por seu lado, já desenvolvia atitudes de prevenção desde a deflagração da pandemia em seus primórdios, haja vista a criação de comitê para discussão e execução de medidas preventivas. Com efeito, o IFCE foi uma das instituições que prontamente atendeu às determinações governamentais e, indo além da suspensão das aulas nos cursos de nível médio, superior e nas pós-graduações, determinou a paralisação das atividades presenciais de trabalho, com poucas ressalvas, instaurando processos inovadores de trabalho a distância e de realização

domiciliar, este nomeado de *home office*, modalidade de labor remoto.

Transferidos para esse formato inusitado de operar à distância, executado nos ambientes familiares com o auxílio de tecnologias informáticas e teleprocessamento, redes digitais e outros meios disponíveis por meio do uso de computadores e aparelhos celulares, os servidores do IFCE, docentes e técnicos administrativos, passaram a vivenciar a articulação de atividades produtivas com o ambiente doméstico, num acoplamento que denota possibilidades enriquecedoras com vistas ao desenvolvimento pessoal e, paralelamente, expressa muitos elementos complexos e conflituosos.

O Home-Office como Modalidade de Trabalho Remoto Domiciliar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

O IFCE, integrante da rede federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, situa-se geograficamente no Nordeste brasileiro – região que concentra quase a metade das pessoas que vivem em situação de pobreza do País. Essa rede, instituída pela Lei 11.892/2008, compreende instituições com autonomia administrativa, patrimonial, financeira e didático-pedagógica, ministrando educação pública e gratuita em todas as regiões do Brasil. São 33 institutos federais, dois centros federais de educação profissional e tecnológica, duas universidades tecnológicas e o Colégio Pedro II, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão na educação superior, básica e profissional.

As atividades de ensino se distribuem pelos cursos técnicos e superiores. No âmbito da educação técnica, a rede confere preferência pelo formato de organização curricular integrado, permitindo o entrelaçamento de conhecimentos científicos e técnicos. Essa conexão dos conhecimentos reverbera no compromisso com o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, articulando-se com o mundo do trabalho e segmentos sociais, estimulando e apoiando formações que suscitem a geração de renda e o desenvolvimento local e sustentável. Na seara da educação superior, efetivam-se cursos de graduação e pós-graduação em todos os setores da economia e áreas de conhecimento, desde que preservadas 20% vagas para formação de professores.

O Instituto Federal do Ceará, bem como as demais instituições que compõem a rede federal de educação profissional científica e tecnológica, redirecionou, em 2020, o ensino presencial para o formato remoto nos seus 33 *campi*, alterando a rotina de seus 39.046 estudantes (BRASIL, 2020) nos diversos níveis de ensino.

Ora, o trabalho remoto, ou a distância, necessitando o domínio de novas tecnologias e o uso de outros *softwares* de informática, com recurso a reuniões virtuais para as

antecessoras sessões de curso, de departamento, de diretorias, de grupos de pesquisa, estabeleceu outras maneiras de relacionamento interpessoal e coletivo para o quadro dos servidores da instituição. Para os docentes, além das recentes relações funcionais, ora em curso, ficou estabelecida por esse formato do trabalho remoto a necessidade de modos distintos de exposição dos conteúdos pelo recurso às videoaulas, com utilização de plataformas digitais desconhecidas da maioria dos professores. Esse formato determinou, *ipso facto*, a adaptação dos jeitos de expor os conteúdos, renovados caminhos de relacionamento docente-discente e de condução geral das aulas, tornando-se um conjunto de procedimentos geradores de muitas dúvidas e angústias.

A inexistência física de pessoas em sala de aula em seu formato tradicional, por si, já é elemento de mudança profunda: retira os estudantes fisicamente (retornamos a esse ponto mais à frente) e suprime as metodologias e instrumentos tradicionalmente utilizados em sala para exposição dos conteúdos e condução de procedimentos educacionais. Foram suspensas, nesse momento da pandemia, as condutas que os professores conheciam desde quando foram estudantes, as quais eles dominavam com perfeita aptidão. Eram *modi operandi* sedimentados por décadas ou séculos de repetição, que assentiam numa naturalização de elementos de controle facilitadores da manutenção do *status quo* docente e do desenvolvimento tradicional das aulas.

A sala de aula remota não admite a junção de duplas, grupos ou organizações similares. Qualquer formato de desenvolvimento de trabalhos que fosse além da exposição docente com algum (em geral, mínimo) nível de participação responsiva dos estudantes foi grandemente dificultado. O próprio tempo de resposta surgiu como embaraço técnico. Privados da presencialidade, e mesmo da comunicação visual, em telas em que participam como nomes próprios, fotos ou ícones representativos, o formato remoto determinou a emergência de elementos angustiantes para todos os participantes, segundo os relatos docentes.

Esse estabelecimento de maneiras distintas e inovadoras de relacionamento com os estudantes e com os coletivos das salas implicou um grau de estresse relatado nas falas docentes e discentes, ainda não suficientemente avaliado, quantificado e qualificado, seja pelos próprios professores, pelas instâncias e instituições gerais de proteção do trabalho, ou mesmo pela própria instituição, que convive com essa feição organizacional apenas recentemente.

O que chamamos estresse é a pressão psíquica baseada na manifestação natural de angústia e ansiedade em feitos e intensidades que necessitam ser averiguados caso a caso,

considerando-se que a vivência ou experiência nesses procedimentos atinge, diversamente, as pessoas, mesmo que haja elementos comuns. Com efeito, e haja vista que esse quadro e tal recém-chegada estrutura de trabalho-vida são passíveis de conduzir a desequilíbrios que variam da estimulação positiva para incorporação de outras habilidades e o desenvolvimento de *modi cogitandi* distintos a situações-limite de desequilíbrios graves, evidencia-se a necessidade de que esta matéria se faça objeto de avaliações e demandas acadêmicas inseridas no chamado saber parcialmente ordenado (consoante Herbert Spencer) e que subsidiem formulações explicativas e compreensivas do fenômeno que no momento está sendo objeto de exame.

Observamos, como perspectiva analítica que, por um lado, essa ruptura do “equilíbrio” anterior é factível de transportar ao desenvolvimento de estímulos positivos de capacidades inéditas e crescimento pessoal, de abertura de perspectivas de ação, desenvolvimento de habilidades diferenciadas, de descoberta de campos de aprendizado e de estudo dos docentes. De semelhante modo, e *in alia manu*, essas mudanças não autonomamente determinadas (o que é entendido como um eufemismo para a pressão externa das instâncias hierárquicas) também possivelmente levem a quadros mórbidos de somatização das tensões demasiadas, associadas e potencializadas pela sobreposição de aspectos geradores de ansiedade. Acerca dessas possibilidades, Dejours esclarece: “Pode-se utilizar o mesmo raciocínio para muitas outras atividades angustiantes: para o pesquisador, para o artista etc... que às vezes conquistam seu equilíbrio precisamente graças a este enfrentamento do trabalho angustiante.” (1993, p. 101).

O trabalho remoto foi estabelecido, assim, como esse fenômeno, que derivou de modos de operar inovadores de controle e organização do trabalho, associados às circunstâncias da pandemia e isolamento social, acrescidas, ainda, e não de menor importância, da intensificação de aspectos angustiantes e estressantes das relações familiares adensadas pela convivência forçada e pelas conformações de quarentena social, destituídas dos momentos das ocasiões distensoras permitidas pelas jornadas laborantes externas e de momentos de lazer, suspensas por decretos de *lockdown* estaduais e municipais.

A complexidade desse quadro social, instaurado pelas recentes conjunturas administrativas, políticas e econômicas definidas como resposta às exigências sanitárias da pandemia do coronavírus-19, configuram novos arranjos vivenciais no ambiente domiciliar. Estabelecem, com efeito, distintas demandas emocionais, suscetíveis de produzir angústia e tensão psíquica. Necessitam, por consequente, de acompanhamento cuidadoso, assente na averiguação das variegadas possibilidades de como essas ocorrências inesperadas afetaram

os servidores, com a investigação da existência de tipologias caracterizáveis nesse contexto.

Como elemento de amarração final desse fenômeno, por si, complexo, é oportuno que aditemos ao quadro genérico da pandemia, isolamento social e trabalho remoto (em si), o fato de que grande parte dos docentes e técnicos-administrativos relatou dificuldade, em variados graus, de desenvolver o *home-office* associado à necessidade de envolvimento em uma parcela, maior ou menor, durante a jornada, dedicada a modalidades de laboração caseira, a que alguns estavam desacostumados, ou, mesmo, em tempo algum, haviam desenvolvido.

Esse *excessus operus* – expressão latina dicionarizada em língua no termo sobretrabalho - talvez até mais por seu influxo qualitativo do que em razão do incremento quantitativo de tempo de atividade, foi claramente sentido e relatado pelos servidores. Passaram eles a vivenciar novas demandas, outros arranjos organizacionais domésticos e a intensificação de relações familiares, conseqüentemente, submetidos a tensões e excitações em graus que variam com suas condições de vida, relações e aspectos de personalidade. A permanência dessas modalidades, quando estressantes, é geradora de desequilíbrios psíquicos que atingem a saúde global dos implicados. É novamente Dejours quem já adverte para os riscos associados aos aspectos negativos das tensões e estresse: “As doenças evoluem por avanços, por crises, e estas últimas não ocorrem ao acaso na vida das pessoas, mas, precisamente, quando alguma coisa de penoso ocorre na vida psíquica, na vida afetiva.” (IBIDEM, p. 100).

A incorporação dessas tarefas, quando é o caso, ou a adição de outras àquelas anteriormente realizadas, é quantitativo e qualitativamente geradora de influxo e qualidade de vida dos docentes e demais funcionários. Foi perceptível que as definições dos papéis de gênero também assumiram um espaço importante, senão, definitivo, nas composições de cotidianos extenuantes, cansativos, que alimentaram angústia, irritação, agressividade exacerbada e estresse.

O confinamento social, o desenvolvimento doméstico das atividades de trabalho institucional, associados e cruzados com as cargas de trabalho decorrentes dos papéis tradicionalmente associados ao masculino e ao feminino nas atividades do lar, assumem importância central nas condições de trabalho em *home-office*, ainda não avaliadas profundamente. O acúmulo das atividades de cuidado doméstico, tradicionalmente atribuído às mulheres, num momento de maior pressão e intensificação com a sobreposição do trabalho profissional remoto, é capaz de ser elemento efetivo de adoecimento.

No outro lado dessa “equação” da divisão do trabalho doméstico e familiar, outros

aspectos emergem. Segundo Arrais Neto (2021, p. 3),

Paralelamente, aos servidores homens, o novo quadro do trabalho remoto pode estar sendo associado à maior ou à mais efetiva participação na divisão do trabalho doméstico e de autocuidado (limpeza, manutenção doméstica, cuidado com os filhos ou outros familiares etc) e de cuidados familiares em geral. Esse contexto, associado à convivência intensificada, aponta para a possibilidade de desequilíbrio inicial desse grupo específico de servidores, principalmente quando se considera a permanência da cultura do machismo, das formas de masculinidade tóxica e seus modelos interpretativos do papel masculino.

A influência - possivelmente positiva - da ruptura com esses referenciais retrógrados e misóginos do que atualmente se denomina modos de “masculinidade tóxica” ou “masculinidade frágil” somente se estabelece como fruto de processos de tomada de consciência pessoal. Essa transformação interna, representada numa autoconsciência livre das pressões do machismo cultural que ainda prevalece em nossa sociedade, necessita do estabelecimento de uma rede de suporte reflexivo conducente a uma assunção autônoma, e, desse modo, se faça elemento de crescimento pessoal. Os dados que já emergem do levantamento inicial, possivelmente reforçados pelos indicadores que advirão do questionário do momento subsequente da pesquisa, abrem a condição de elaboração de propostas proativas de enfrentamento dessa conjunção de problemas, principalmente se inseridas num projeto com suporte institucional do próprio IFCE e de seus serviços de apoio aos servidores.

Observamos, ainda, que o próprio fato do isolamento social, refletido na redução dos contatos presenciais, na impossibilidade do tempo comum em que por partes do dia se está ausente do convívio direto no ambiente doméstico, aliado ao caráter forçado e intensificado dessa convivência com a família nuclear, tudo isso denotou reflexos nas relações familiares, parentais, maritais, fraternais, interpessoais, num sentido geral. Os relatos iniciais emergentes nas reuniões virtuais, por vezes mascarados sob maneiras jocosas, em piadas que refletem dificuldades de convivência entre casais ou de pais com filhos, apontam para o afloramento de aspectos de relevo com influências negativas sobre o equilíbrio e a sanidade mental dos trabalhadores e de suas famílias. Vale registrar que o comprometimento da saúde mental no IFCE foi identificado em estudo anteriormente realizado por Bastos, Silva Júnior, Domingos e Araújo (2018) sendo apontado como causa principal de afastamento de servidores público, independentemente de gênero e cargo. Na atualidade, com efeito, novos tensores foram incorporados mediante a necessidade de adaptação a novas tecnologias e relações interpessoais em novos formatos, agravando a saúde mental dos servidores.

Estima-se, com amparo nesse pormenor, que a dificuldade de explicitar e

conscientemente trabalhar pontos emergentes e acirrados das relações interpessoais, tanto maritais quanto familiares em geral, seja elemento grandemente deflagrador de comportamentos agressivos, destrutivos, intolerantes, levando, possivelmente, à deterioração do ambiente e da vivência familiar, com o comprometimento de relações fundamentais para o equilíbrio pessoal dos envolvidos. De outra parte, ou em sentido inverso - mas correlacionado a não expressão e não exteriorização dessas ocorrências conflituosas e angustiantes - é factível de conduzir ao desenvolvimento de sentimentos depressivos e somatizações patológicas diversas que se manifestam em quadros mórbidos perigosos e potencialmente deletérios: “Conhece-se assim (*sic*), numerosos exemplos (*sic*) onde a doença física, ela mesma, é desencadeada por ocasião de uma situação afetiva insustentável, no momento em que o sujeito está, de certa forma, pressionado por um impasse psíquico.” (DEJOURS, 1993, p. 100).

Por último, mas não de menor relevo, é necessário considerar a elevação da ansiedade e da angústia, associadas ao medo do adoecimento, no quadro de uma doença ainda não completamente tipificada, com protocolos de atuação em decurso de elaboração ensaística e cujo índice de mortalidade é elevado, pela facilidade do contágio, e que denota fatores de risco ainda grandemente desconhecidos. Este ponto configura outro aspecto a ser averiguado de modo bem mais aprofundado, por intermédio do lançamento do questionário geral.

O Levantamento (Mapeamento) de Questões da Pesquisa

A ideia de desenvolver um ensaio para investigar o Instituto Federal do Ceará - IFCE e seus servidores docentes surgiu naturalmente, desde a instauração dos procedimentos organizacionais, das determinações de isolamento social e do quadro sanitário agravado pela pandemia da covid-19.

As informações que chegavam ao público por intermédio dos meios de propagação coletiva mostravam países europeus em situações críticas de contágio e de mortes, com superlotação de hospitais, gerando o temor de que a entrada do Brasil na pandemia conduzisse a situações ainda mais graves de contágio, óbitos, saturação dos equipamentos de saúde e de sequelas.

Na medida em que a própria instituição adentrou a pandemia e fez executar medidas de contenção da moléstia contagiosa, instituindo o trabalho remoto, começaram a aparecer as queixas e relatos dos docentes, durante reuniões virtuais, exprimindo que as maneiras de vivência então inauguradas expressavam pontos que sugeriam investigação e reflexão. A

opção do IFCE pelo formato de trabalho remoto, associado ao momento de experiência em relação às circunstâncias pandêmicas de covid-19, fez surgir e circular no Instituto, por intermédio da divulgação eletrônica, uma série de levantamentos e pesquisas, tanto dirigidas aos estudantes quanto direcionadas aos servidores. O conjunto de aspectos abrangido pelos questionários, no entanto, foi limitado, inicialmente, a elementos de cunho mais diretamente sanitarista.

Portais da internet e sítios virtuais que congregam pesquisadores demandavam avaliar o influxo - positivo quanto negativo - do trabalho remoto (*home office*), das aulas virtuais e da pandemia sobre os docentes, fosse em termos de influência psicossomática ou sob a conformação de ressignificado didático das aulas em suas constituições então empregadas, desde que aflorados os contratemplos e a insipidez de tão abominável doença. O portal *Researchgat*, ao qual se vinculam os investigadores há instantes mencionados, foi um indicador claro do quantitativo de pesquisas respeitantes a essa matéria, ao mesmo tempo em que esse veículo da Modernidade concedia o ensejo de se visualizar sua distribuição, tão abrangente quanto a própria pandemia, que singrava, indistinta e penosamente, cursando os cinco continentes, ao cobrir, por conseguinte, as três Américas – do Norte, Central e do Sul - Europa, África, Ásia e Oceânia, nos seus mais longínquos e apartados rincões

O desenvolvimento metodológico compreende dois patamares o levantamento - sumário - do mapeamento de aspectos relevantes, indicador de elementos significativos a investigar, e a demanda de aprofundamento analítico, que desenvolve, mais especificamente e com maior tempo de maturação, os aspectos que reclamam comprovação, avaliação e maior desenvolvimento investigativo.

Ex positis, o ensaio agora relatoriado oferece a análise de elementos importantes congregados pelo mapeamento inicial. A pesquisa integral foi implementada com os servidores da Instituição, após aprovada pelo Comitê de Ética do IFCE, sob o título de *Stress, Trabalho e Qualidade de Vida dos Servidores do IFCE durante a Quarentena da Pandemia por Covid-19*. A publicação parcial do experimento subsidia uma compreensão atualizada desses processos e enseja o desenvolvimento tempestivo de ações institucionais que se contraponham aos efeitos deletérios porventura evidenciados.

O levantamento inicial - de cartografar os pontos emergentes do trabalho remoto associado ao isolamento social no quadro da pandemia covid-19, cujos dados subsidiam este texto - emergiu de reuniões virtuais sob o formato de grupos de conversa temáticos (acerca da situação dos professores durante a pandemia) e conversas/entrevistas telefônicas com

docentes colegas de 6 (seis) *campi* do IFCE. Neste contato inicial, mapeamos pontos e dificuldades que os companheiros docentes identificavam com suporte em suas experiências ou em relatos voluntários de colegas, obtidos em momentos de encontro nas reuniões virtuais ou por intermédio dos grupos de *WhatsApp* que passaram a ser ponto de encontro e de troca de informações, situação comum desde antes da pandemia, mas potencializados e tornados espaços privilegiados após a deflagração do trabalho remoto. Dessas conversas, algumas formais (mediante encontros em salas virtuais da plataforma *Google Classroom*) e outras informais (chamadas telefônicas ou troca de mensagens através de *WhatsApp*), foram inventariados problemas comuns aos docentes, no desenvolvimento do novo formato de aulas virtuais pela internet, bem assim no enfrentamento das diferenciadas condições de vida, trabalho e relações familiares e interpessoais no enquadramento do isolamento social.

Não é de menor importância apontar para o papel desempenhado pela tecnologia e por via das redes virtuais, não apenas em termos de suporte para as atividades produtivas do trabalho remoto, bem assim como meio de encontro interpessoal. Seja nas reuniões remotas de trabalho, por via das quais os professores resolviam problemas administrativos e organizacionais de seus cursos e turmas, ou nos grupos de *WhatsApp* ou *Telegram*, organizados, tanto pelos coletivos de trabalho quanto por componentes familiares e grupos de amigos, a ausência física foi parcialmente suprida pela possibilidade dos contatos e intercâmbios virtuais.

Vale ressaltar que a pesquisa de Brooks *et. al* (2021) aponta para esse fenômeno em estudos realizados na Europa:

Boredom and isolation will cause distress; people who are quarantined should be advised about what they can do to stave off boredom and provided with practical advice on coping and stress management techniques. Having a working mobile phone is now a necessity, not a luxury, (...) Activating your social network, albeit remotely, is not just a key priority, but an inability to do so is associated not just with immediate anxiety, but longer-term distress.⁴(P. 918).

Esses grupos virtuais, principalmente no momento mais agravado do isolamento social, quando estavam proibidas aglomerações e reuniões, mesmo em família, se tornaram válvulas de escape das tensões. Tornaram-se momentos de alegria, abertamente admitida pelos participantes do levantamento, que declaravam saudade dos encontros no ambiente de trabalho, e assumiam, muitas vezes publicamente, sentir a falta da convivência com os amigos e amigas dos vários espaços sociais de seus cotidianos. O encontro e a partilha de informações e de atividades de vida e trabalho, fotos, entre outras postagens banais, foram para alguns a âncora de troca de afetividade e de relações, possível durante o período mais

rígido do isolamento social. Alguns colegas chegaram a alegar que as reuniões, ligações telefônicas e mensagens dos amigos e colegas eram momentos de entrada de ‘ar fresco’ na solidão do isolamento sufocante.

Outro elemento de contradição deflagrado pelo trabalho remoto domiciliar é previsível na desconstrução da fronteira entre trabalho e descanso, entre lugar de trabalho produtivo e lar (lugar de trabalho doméstico, relações familiares e descanso). Neste sentido, a interpenetração das atividades produtivas (aulas, relatórios, pesquisas, orientações de estudantes etc) com momentos de atividades domésticas, do lazer e descanso, foi percebida (em termos de sentimentos e em cálculos declarados) como uma ampliação do tempo de trabalho regularmente despendido com as atividades funcionais do IFCE.

A necessidade de checagem de mensagens de *e-mail* ou de *WhatsApp* no decorrer do dia, sem contenção de horários, foi sentida em muitos relatos como elementos invasivos exagerados, trazendo o trabalho burocrático como invasor de espaços e tempos compreendidos como afetivos, de descanso familiar privado.

As Aulas Remotas, a Virtualidade das Turmas, outros Formatos de Angústia Docente e alguns Sinais de uma Renovada Consciência

Um elemento que, com muita clareza, se destacou entre as informações iniciais fornecidas pelo grupo focal entrevistado por telefone e nas reuniões virtuais foi o choque das aulas remotas ou videoaulas, que passaram a ser o formato do trabalho docente com as turmas de estudantes. Para um grande número de docentes, inicialmente, a necessidade de adaptação à tecnologia utilizada para as aulas remotas foi fonte de alguma tensão e angústia, pela necessidade de domínio das técnicas nas salas de aula virtuais por intermédio da plataforma *Google Classroom*, sugerida e estimulada pela Instituição.

Foram ofertados cursos a distância para os docentes e indicados vídeos e videoaulas de suporte e tutoriais expostos na plataforma *Youtube*. Apesar do esforço dos colegas mais afeitos às tecnologias informáticas, que fizeram tentativas de repasse de conhecimento para os demais, as naturais dúvidas e o necessário domínio do novo instrumental somente foram consolidados aos poucos, demandando algum tempo e vários percalços para parte de muitos dos colegas. As incertezas e inseguranças pertinentes a essa matéria foram óbvia fonte de tensão e angústia, relatadas pelos professores nesse momento inicial.

Malgrado tenha havido, formalmente, na Instituição a possibilidade de não aceitar o desenvolvimento das aulas remotas no período inicial de sua adoção, a opção por não se engajar numa circunstância à qual a maioria dos colegas parecia adaptar-se sem resistência

explícita, e o temor de censuras e avaliações negativas, levaram ao silenciamento de possíveis críticas que, evitadas em público, apareciam eventualmente nas conversas informais, individuais e nos grupos de ação sindical e de organização política autônoma dos professores.

É oportuno acrescentar a ideia de que, no planejamento divulgado, originalmente, no início de 2020, o docente que não assumisse remotamente as turmas se responsabilizaria por elas, quando do retorno presencial, acumulando-as com as do semestre seguinte de maneira intensificada e previsivelmente exaustiva. Todos esses elementos, articulados informalmente, se tornaram claros motivadores de contenção da resistência de alguns docentes que criticavam na surdina os encaminhamentos propostos institucionalmente. Indo além desse quadro de pressão velada, a incerteza, em si, quanto à destreza e ao domínio da nova tecnologia foi uma clara geratriz de angústia que transpareceu com frequência nas falas dos docentes.

Passado o momento inicial, com a naturalização dos procedimentos cotidianos, a ferramenta foi dominada, pelo menos em seu nível trivial, o que trouxe para alguns a consciência do desenvolvimento de novas habilidades e um senso de competência perante algo anteriormente temido ou, no melhor dos casos, evitado. Eis a contraposição da angústia e temor da inovação: a possibilidade de desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, que expandem a capacidade de atuação e são capazes de desenvolver o sentimento de empoderamento pessoal e a sensação de conquista positiva. É importante frisar esse aspecto da contradição aqui percebida, para observar a complexidade da realidade em suas várias possibilidades e efetivações. Ao mesmo tempo, é importante demarcar a distância entre essa percepção da positividade possível e potencial desse aspecto do processo, e as pregações pseudo-otimistas, e avaliações apressadas que enxergam no *home-office* o trabalho humanizado do futuro que se faz presente.

Eventualmente, em reportagens apressadas e entrevistas com profissionais da área de treinamento profissional, de administração de recursos humanos, de *coaching*, foram elencadas vantagens como a (real) de não se estar submetido a deslocamentos para escritórios ou locais outros de trabalho, desde a implementação do trabalho remoto efetuado nas residências dos servidores. Efetivamente, esse aspecto da comodidade e redução de perdas econômicas e de tempo, no quadro do trabalho docente no IFCE, significa deslocamentos intermunicipais para um grupo considerável de professores, inclusive gerando, além das despesas de transporte, custos de hospedagem nas cidades onde trabalham. Para estes, como para os que residem na Capital ou na periferia das cidades de

maior porte do Estado (que sediam os demais *campi*), a perda de tempo com o deslocamento, as irritações geradas pelo trânsito urbano e suas relações neuróticas são aspectos fortemente negativos do trabalho presencial tradicional.

Ao lado dessas vantagens, de ganho de tempo e menores custos pessoais para o exercício profissional, se argumentava a possibilidade de autonomia ampliada e de maior controle docente sobre sua organização do trabalho. Essa utopia, já adiantada por Alvin Toffler, em seu livro *A Terceira Onda*, no início dos anos de 1980, voltou a seduzir muitas pessoas com imagens idílicas de profissionais que trabalhariam de casa, num isolamento individualista tido como bom, interessante e “futurista”, obscurecendo os aspectos positivos, relações de amizade, momentos de descontração e encontro humano que acontecem em decorrência das relações interpessoais dos ambientes laborais coletivos e presenciais, mormente na atividade educativa.

No concernente a esse aspecto, os momentos de conversa descontraída e informal ao final das reuniões por videoconferência refletiam a falta que as reuniões presenciais e os momentos de convivência diários faziam para muitos professores. Claramente, foi sentida como perda a ausência da convivência com os amigos, com estudantes: sentiam falta dos encontros nos corredores, na cantina e nos diversos espaços de convivência de seus *campi*. As conversas rápidas sobre temáticas variadas, muita vez a respeito de assuntos lúdicos ou atinentes a momentos de convívio livre, bem refletem, quase como *atos falhos*, a necessidade desses momentos para o equilíbrio emocional dos professores. A presencialidade, efetivamente, nutre relações afetivas, desencadeia emoções mais concretamente vivenciadas, dificultadas pelo formato remoto das videoconferências.

Outro *punctun saliens* decorrente das aulas em formato remoto, evidenciado das manifestações pessoais dos docentes, é o incômodo com a “ausência” dos estudantes do formato das aulas remotas. É óbvio que a ausência concreta é um fato, por si, chocante, nas relações pedagógicas docente-discente e na interação comum em nosso sistema de aprendizagem - mesmo que, intuitivamente, aprendamos a “ler” expressões corporais, expressões faciais e outros jeitos de movimentação e comportamento das pessoas com as quais convivemos.

É interessante observar que muito da avaliação que o docente faz do andamento de sua aula, sua óptica da compreensão e do engajamento dos discentes, da repercussão de seu encaminhamento pedagógico, decorre dessa “leitura” permitida pela presencialidade e convivência física nos ambientes de ensino. A perda desse fator corporal é de grande influxo inconsciente, influência que não é somente pedagógica, no sentido de educacional-escolar,

mas atinge um importante eixo estruturador das relações humanas, em termos afetivos e emocionais. *In hoc sensu*, é importante entender que a educação, como contingência formativa ampla do ser humano, não é constituída apenas de “conteúdos” intelectuais, a serem transmitidos pelos professores. Há uma enorme gama de desenvolvimentos (aprendizados) permitidos pelas interações sociais do *campus*, estimulados pela observação de referenciais, de padrões de comportamento, de atitudes e, mesmo, de concepções de mundo, de ciência, de atividade humana, de trabalho. Esse grande aprendizado social inconsciente é, provavelmente, mais marcante e determinante para o desenvolvimento dos estudantes e dos docentes como cidadãos na qualidade de trabalhadores, feitos membros de uma sociedade, inseridos com amparo em padrões culturais e atitudinais.

Acrescente-se a essa perda ocasionada pela não presencialidade física, o fato de que os estudantes fossem estimulados a permanecer nas salas virtuais com suas câmeras e microfones desligados evitando expor seus ambientes familiares, o que não permite ao professor ver ou ouvir ninguém enquanto expõe sua aula. Essa falta de visibilidade e da comunicação corporal não verbal, mesmo que virtual, emergiu como queixa em praticamente todos os relatos, e se tornou um agravante da angústia e gerador de sentimentos de quebra da autoestima, de incerteza quanto ao aprendizado em si, além de dificultador de *mensurae instrumenti* do processo, com base em retorno postural, corporal, de participação na aula etc.

A queixa a esse respeito foi generalizada, tendo se expressado em manifestações diversas de companheiros docentes em reuniões e em grupos de *WhatsApp*, mesmo quando os assuntos eram oficialmente de outra natureza. A expressão negativa do choque desse distanciamento e falta de participação discente é manifesta na sensação de impotência e de incerteza dos docentes quanto à eficácia de suas aulas virtuais, quando se manifestam sobre suas avaliações iniciais atinentes ao assunto.

Com esse formato remoto de turmas ‘congeladas’ em fotos, reduzem-se sensivelmente a satisfação decorrente da boa condução de uma aula e o sentimento de consecução dos objetivos pedagógicos e de desempenho pessoal, com a conseqüente queda de autoestima, que eleva os níveis de angústia e estresse dos docentes, expressos claramente em suas manifestações sintomáticas. A perda do contato humano, da afetividade de relações de amizade, da emoção ao formular conhecimento nas salas de aula, perceptível inconscientemente nas leituras corporais, define prejuízos que se demonstram sensíveis aos docentes, mesmo num plano ainda incipiente.

Acrescente-se a isso o fato de que, numa observação sinóptica e genérica, mais uma

vez, com amparo nos relatos dos grupos de conversa docentes, somente em torno de 30% a 40% das turmas frequentavam as aulas remotas, transmitindo uma sensação de abandono e contribuindo para o sentimento de não se considerar “competente” para reter os estudantes no âmbito remoto, internalizando em alguns docentes o sentimento de culpa por um processo cuja explicação é social e complexa. No tocante a este aspecto da desconexão entre os âmbitos social e individual, vale ressaltar que os problemas desencadeados pelo adoecimento mental têm sido vistos, equivocadamente, isolados no âmbito individual, reforçando uma compreensão preconceituosa e desconexa com a esfera social, conforme ressaltam Dowbor, Veronese, Cate e Comandulli (2020).

O acúmulo desses elementos transporta a vários professores a preferência por gravar em vídeo suas aulas, que passam a desenvolver em absoluta solidão na frente das suas câmeras, sob a modalidade de palestras que são posteriormente publicadas nas salas virtuais da ferramenta *Google Classroom*, para que sejam assistidas pelos estudantes em horários livres, à sua escolha. Enfrentar o “olhar solitário” da câmera do aparelho celular ou do computador se mostrou, para muitos docentes, menos doloroso do que arrostar uma tela com imagens congeladas, com as quais a interação se demonstrou dificultada. A opção por esse formato que distancia ainda mais educador e educando da relação presencial-corporal aponta com clareza o aspecto doloroso em que se constituiu esse vínculo e demonstra o elemento de riqueza de relações presenciais.

A complexidade da perspectiva necessária à compreensão desse fenômeno inclui a consideração de contradições e aspectos anteriormente subavaliados, que, apreciados agora sob um novo quadro de observação, que considera reavaliações e mudanças culturais promovidas pela pandemia e seu corolário de restrições, aponta para a possibilidade de mudanças qualitativas de valores sociais e de referenciais de vida. Neste sentido, Savagnone escreve que,

Apesar do seu carácter problemático e provisório [do Covid], os dados que recolhemos e reportamos falam de um choque que as nossas sociedades 'evoluídas' há muito tempo não conheciam e que volta a questioná-las sob um perfil de importância decisiva como é aquele do sentido atribuído no trabalho. Ninguém pode garantir que essa mudança terá um resultado final positivo. Mas algo está se movendo, não apenas nos números, mas nas consciências e na cultura. O suficiente para abrir uma brecha de esperança em um futuro diferente daquele a que, na época do persistente domínio da lógica do mero lucro, nos havíamos resignado. (2021, p. 02).

Uma série de estudos emerge em universidades europeias, apontando para resignificação do trabalho e dos modelos organizacionais dos ambientes produtivos. Savagnone aponta para um fenômeno novo que emerge nos Estados Unidos da América,

assim como na Itália: em meio aos elevados índices de desemprego: há uma parcela de trabalhadores que optam por pedir demissão de seus postos de trabalho:

Algo semelhante também está acontecendo na Itália, onde “a taxa de demissões mais que dobrou em dois anos: de 1,1% do total de empregados para 2,3% hoje”. O fenômeno tem dimensões impressionantes: “Eu me demito. E eu mudo minha vida’. Pensaram, falaram e fizeram isso 480.000 italianos, um quarto do total de rescisões das relações de trabalho de abril a junho. (IBIDEM).

Com efeito, as conexões da pandemia com o adoecimento psíquico ensejam uma espécie de pandemia psíquica ativada mediante pressão individual e coletiva (DI CESARE, 2021) reverberando na rotina doméstica, na escola, na universidade, no trabalho e, decerto, na sociedade (LOIOLA, 2021).

A modo de fecho

O ensino remoto no IFCE e o influxo no trabalho dos docentes apontam para o aparecimento de um quadro repleto de contradições. Por um lado, o trabalho desenvolvido no ambiente doméstico rompeu com relações presenciais de opressão, controle, imposições de poder, eventuais climas organizacionais centrados no individualismo competitivo e na frieza de relações de coleguismo burocratizadas. A possibilidade de trabalhar de casa conduziu o trabalhador a se notar no horário de trabalho, usufruindo do ambiente mais acolhedor e familiar de seu lar, mesmo com eventuais elementos de restrição, consoante já referidos. De outra parte, o trabalho operado desde casa (*home-office*) rompeu com a segmentação ambiental a que estávamos culturalmente acostumados, na qual o ambiente familiar funcionava como defesa afetiva e emocional contra as tensões do mundo laboral.

Esse quadro, muito claro, não conforma, porém, um retrato absoluto, quantitativo ou qualitativo, dos ambientes de produção. Se há *locis* laborais desumanos e doentios que transportam à “Loucura do Trabalho”, conforme denúncia Dejours, em sua obra magistral, também há relações de solidariedade e companheirismo, de amizade e coleguismo entre os trabalhadores, e esse fenômeno é muitas vezes a base para uma consciência de ser trabalhador, como indicavam estudos ingleses sobre a classe trabalhadora nos anos de 1960 e 1970 (WILLIS, 1991).

O ambiente real, nas mais das vezes, deve estar situado num ponto intermediário, em escala que tenha esses retratos opostos como extremos. Como já aponta Arrais Neto (2002; 2005), os mecanismos de desqualificação dos trabalhadores, impostos pela lógica alienadora do capital, atingem centralmente a vida do trabalhador, sua satisfação e realização pessoais, não apenas o momento produtivo em si. Esses mecanismos de desumanização se

desenvolvem, em geral, com maior facilidade em ambientes produtivos privados, mas não deixam de influenciar o *locus* de trabalho de instituições públicas, com esteio em conceitos de organização e métodos gerenciais de matriz empresarial.

Referências

ARRAIS NETO, E. Desqualificação global do Trabalho: a Excentricidade de uma visão unitária da classe-que-vive-do-trabalho. **Trabalho & crítica**, Florianópolis, v. anual, p. 81-96, 2002.

ARRAIS NETO, E. Empregabilidade, Competências e Desqualificação dos Trabalhadores: a dança das palavras sobre o solo real das transformações produtivas. *In*: OLIVEIRA, E. G. de; SOUSA, A. de A. (Org.). **Educação Profissional: análise contextualizada**. Fortaleza: Ed. CEFET-CE, 2005, p. 17-32.

ARRAIS NETO, E. **Trabalho remoto, isolamento social e qualidade de vida dos docentes do IFCE durante a COVID-19**. Relatório de Pesquisa para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do IFCE. Fortaleza: IFCE, 2021.

ARRAIS NETO, E.; ARRAIS, R.H. Dialética, Marxismo Multidisciplinar e os estudos da Psique. **Revista Labor**, n. 12, v. 1, p. 21-36. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6572/4785>. Acesso em 28 março 2022.

ARRAIS NETO, E.; OLIVEIRA, E.G. A atuação do pesquisador dialético: do empirismo positivista ao materialismo histórico. *In*: FRANCO, R. K.G.; BEZERRA, T. S. A.; GONZALEZ, P. F. (Orgs.). **Encontro Internacional de Jovens Investigadores: Investigar para transformar** [Livro eletrônico]. Campina Grande: Realize Editora, v. 1, p. 485-497, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/ebook/62/detalhes>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BENEVELLI, L. Pandemia, Saúde e Psique. *In* **Revista IHU – On-line**, de Itália: 13/04/2021. <http://www.ihu.unisinos.br/608306-pandemia-saude-e-psiue>. Acesso em: 13 abr. 2021.

BASTOS, M.L.A., SILVA JÚNIOR, G. B., DOMINGOS, E.T.C., ARAÚJO, R.M.O.. Afastamentos do Trabalho por Transtornos Mentais: um estudo de caso com servidores públicos em uma instituição de ensino no Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**. 16 ed., p. 53-59, 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbmt.org.br/pdf/v16n1a08.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BRASIL. **Coronavírus – Brasil. Painei Coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 02 abril 2020.

BRASIL. **Protocolo de Manejo Clínico para o novo Coronavírus (2019 – nCoV)**. 2020. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/11/protocolomanejo-coronavirus.pdf>. Acesso em 02 abr. 2020.

BRASIL **Ifce em números**. Fortaleza, IFCE, 2020. Disponível em

<https://ifceemnumeros.ifce.edu.br/>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BROOKS, Samantha K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. In **Revista Lancet**, v. 395, March 14, 2020. Disponível em: www.thelancet.com. Acesso em 28 março 2022.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: Estudo de psicopatologia do trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C. et al. Por um Trabalho, Fator de Equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**, Mai/Jun. São Paulo: 1993.

DI CESARE, Donatella. O risco agora é a pandemia da mente. In **Revista IHU – On-line** N 78, 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597601-o-risco-agora-e-a-pandemia-da-mente>. Acesso em 13 abril 2021.

DOWBOR, Monika; VERONESE, Marília; CATE, Lídia Em; COMANDULI, Brenda Thamires. Pandemia e Saúde Mental: o que sabemos sobre impactos e medidas mitigadoras. In **Revista IHU – On-line**. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601003-pandemia-e-saude-mental-o-que-sabemos-sobre-impactos-e-medidas-mitigadoras-artigo-de-monika-dowbor-marilia-veronese-lidia-tencate-e-brenda-thamires-comandulli>. Acesso em: 14 abril 2021.

GANEM, Valérie. Relato de uma experiência de terreno de intervenção em Psicodinâmica do Trabalho (PDT). **Laboreal**, v. VII, n. 1. 2011. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/pt/articles/relato-de-uma-experienciade-terreno-de-intervencao-em-psicodinamica-do-trabalho-pdt/>. Acesso em 23 janeiro 2022.

LOIOLA, Francisco *et al.* Covid-19 e os efeitos na prática do ensino em contexto universitário: mudança e inovação em um ambiente de urgência. **Revista Cocar**, Edição especial, N. 9. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4128>. Acesso em 28 março 2022.

SAVAGNONI, Giuseppe. Sinais de mudança do mundo do trabalho. **Revista IHU on-line**, <http://www.ihu.unisinos.br/614354-sinais-de-mudanca-do-mundo-do-trabalho>. 2021. Acesso em de 10 de novembro de 2021.

TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. São Paulo: Record, São Paulo. 1982.

ZHU, H.; WEI, L.; NIU, P. The novel coronavirus outbreak in Wuhan, China. **Global Health Res Policy**; 5: 6. 2020.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19)**. Situation Report – 72. Available at: <https://www.who.int/docs/defaultsource/coronaviruse/situationreports/20200401-sitrep-72-covid19.pdf?sfvrsn=3dd8971b2>. 2019. Acesso em 1º de abril de 2020.

Autores:

Enéas de Araújo Arrais Neto

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1999), pós-doutor em Filosofia da Arte e Subjetividade pela *Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales-Fr*, pós-Doutor na UNINOVE-SP. De 1993 a 2016 foi Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), atuando nas áreas de Trabalho e Educação, Políticas Educacionais e Gestão da Educação, Educação Popular e Movimentos Sociais. Atualmente é Professor Associado aposentado da UFC e docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) atuando na Graduação na pós-graduação no PPGArtes/IFCE.
E-mail: eneas.neto@ifce.edu.br

Elenilce Gomes de Oliveira

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Membro do Fórum Estadual de Educação do Ceará. Colabora com o Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira/UFC. Coordena o Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional (LABOR). Co-Fundadora do Núcleo de Pesquisa em Educação Profissional (NUPEP). Edita e publica livros sobre trabalho-educação, políticas educacionais, Ensino Médio e Educação Profissional e Tecnológica.
E-mail: elenilce@ifce.edu.br

Antonia de Abreu Sousa

Doutora em Educação com ênfase em Financiamento da Educação, pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. É integrante do Núcleo de Pesquisa em Educação Profissional (NUPEP) e do Laboratório de Estudos sobre o Trabalho e Qualificação Profissional (LABOR). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui experiência na área de Educação, escrevendo principalmente sobre os seguintes temas: trabalho-educação, políticas educacionais, legislação da educação brasileira, estado e financiamento.
E-mail: antonia@ifce.edu.br

Jerciano Pinheiro Feijó

Doutor (2022) e Mestre (2016) em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Licenciado em História (2001) e Especialista em Estudos Clássicos (Cultura Greco-romana) (2002), pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - Campus Caucaia. Tem experiência nas áreas de História com ênfase em História Antiga e História Regional do Cariri, Educação Profissional e Tecnológica, Sociologia da Educação e Antropologia. Atua principalmente nos seguintes temas: educação, educação profissional, capitalismo, cultura popular, literatura popular e Cariri.
E-mail: jercianopinheiro@ifce.edu.br

Como citar o artigo:

ARRAIS NETO, E. de A.; OLIVEIRA, E. G. de; SOUSA, A. A.; FEIJÓ, J. P. Trabajo docente en el formato remoto: contradicciones en el entorno doméstico durante la pandemia de covid-19. **Revista Paradigma**, Maracay, v. 43, Edição Temática 3, p.627-647, sep., 2022.